

7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allègre, Claude (1993). *L'Âge du savoirs – pour une renaissance de L'Université*. Paris: Gallimard.
- Abreu Jr., J. B. (2004). Nas ondas da fé - três experiências do rádio educativo na América do Sul. *Conexão - Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul/Rio Grande do Sul, V. 03 n., pp. 89-103.
- Bakhtin, Mikhail (1997b). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (Volochinov) (1997a). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec.
- Bardin, Laurence (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bellei, Sérgio Luiz Prado (2002). *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC.
- Bhabha, Homi K (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Bolter, Jay David (1991). *Writing space: The computer, hypertext, and the history of writing*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Brait, Beth (1994). As Vozes Bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: Barros, D.; Fiorin, J.L. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, pp. 11-27.
- Burke, Peter (1987). Emmanuel College: a etnografia de um College de Cambridge. In. *Rev. da Faculdade de Educação USP*, São Paulo: USP, n. 13 (1) jan-jun, pp. 235-249.
- Canclini, Nestor Garcia (2003). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4.ed. São Paulo: Ed. USP.
- Campos, Fernanda e Campos, Gilda Helena B. (1997). Design Instrucional, Novas Tecnologias e Desenvolvimento de Software Educacional. In: *Anais VIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*, V. I, pp. 289-311, São José dos Campos.
- Campos, Gilda Helena B. (2002). Modalidade de uso de Software Educacional na Web, ambientes de aprendizagens e portais educacionais. Rio de Janeiro: SENAC.
- _____. (2003a). *Inovação e Avaliação de Curso a Distância*. III EEMAT: Vassouras.
- _____.; Coutinho, Laura Maria; Roque, Gianna (2003b). *Inclusão Digital como Instrumento de Inclusão Social*. XIV SBIE. Porto Alegre: SBC.
- _____.; Motta, C.; Coutinho, Laura Maria; Casanova, M. A. (2004). Objetos de Aprendizagem e Cursos na Web. In: **11o. Congresso Internacional de Educação a Distância - Avaliação: Compromisso para a qualidade e Resultados**, Salvador, 2004, São Paulo: Associação Brasileira de Educação a Distância.
- _____.; Roque, Gianna Oliveira, Coutinho, Laura Maria (2003c). Design didático para implementação de cursos baseados na Web, In: **XIV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – Mini-curso**, Rio de Janeiro: UFRJ/NCE-IM.
- Castro, Lúcia Rabello de (1998). *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo*. Rio de Janeiro: NAU.
- CGI.Br (2006a). **TIC domicílios e usuários 2006**. disponível em <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2006/index.htm>>. (acessado em 22/12/2006).
- _____. (2006b). **TIC domicílios - parte 1: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil, 2006**. disponível em <<http://www.cetic.br/tic/2006/relatorio-inicial-2006.ppt>>. (acessado em 22/12/2006)
- Chamlian, Helena Coharik (1996a). **A formação do professor universitário na USP**. Relatório de Pesquisa. São Paulo: CNPq.

_____ (1996b). **Professores Inovadores da USP análise de alguns depoimentos**. Comunicação no painel Grandes Mestres. São Paulo: FEUSP.

Chartier, Roger (1994). **A ordem dos livros; leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília.

_____ (org) (1996). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade.

_____ (1998). **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP.

_____ (2002). **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP.

Coelho, Luiz Antonio Luzio (2004). Livro: amor e desafeto. In: Anais do P&D Design 2004 – 6º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo: Fundação Armando Alvares Penteado FAAP.

Couto, Rita Maria de Souza (1997). **Movimento Interdisciplinar de Designers Brasileiros em Busca de Educação Avançada**. Tese (Doutorado em Educação), Departamento de Educação, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____; Oliveira, Alfredo Jefferson (orgs.) (1999). **Formas do design: por uma metodologia interdisciplinar**. Rio de Janeiro: 2AB/PUC-Rio.

Darnton, R (1995). **O beijo de Lamourette – Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras.

Demo, Pedro (2000). **A Tecnologia na Educação e na Aprendizagem**. Palestra ministrada no dia 27/05/2000 no Educador 2000. Congresso Internacional de Educação.

Devlin, Keith (2002). **Matemática, a ciência dos padrões**. Porto, Portugal: Porto Editora.

Dias, José (1992). A idéia da Universidade: algumas anotações a propósito do ensino superior na Grã Bretanha. In. **Rev. da Faculdade de Educação USP**, São Paulo: USP, n. 18 (2) jul-dez, pp. 159-173.

Dietzsch, Mary Julia Martins (2001). **Relato pessoal**. São Paulo, março de 2001.

Diniz, Maria Helena (1997). **Código civil anotado**. 3. ed. aum. e atual. São Paulo: Saraiva.

Dreze, Jacques e Debelle, Jean (1983). **Concepções da Universidade**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará.

Ernst, Bruno (1991). **O espelho mágico de M. C. Escher**. Berlin: Tashen.

Etzioni, A. (1974). **Análise comparativa de organizações complexas: sobre o poder, e o engajamento e seus correlatos**. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: EDUSP.

Farbiarz, Alexandre (1998a). A dissociação comunicacional entre os agentes formadores e os estudantes de design. **Anais do V Simpósio de Pesquisa da FEUSP**. São Paulo: FEUSP.

_____ (1998b). O ensino de design e a transferência de competências nos meios tecnológicos. **Anais do IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - ENDIPE**, São Paulo: ENDIPE, Anais I, v. 1/2.

_____ (1998c). Sobre Universidade, mercado, designer e novas tecnologias. **Revista Estudos em Design**. Rio de Janeiro: Associação de Estudos em Design do Brasil, v. VI, n. 1.

_____ (2000). **O designer gráfico e o bureau de fotolitos digitais: dois olhares, um objeto**. Dissertação (Mestrado em Design), Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____ (2001). **Universidade-aluno: uma ponte em construção**. Dissertação (Mestrado em Educação e Linguagem), Faculdade de Educação, São Paulo: Universidade de São Paulo.

_____; Farbiarz, Jackeline Lima (2004a). As novas variáveis na produção de sentidos da leitura. In. **Anais do I Simpósio do Núcleo de Estudos do Design do Livro: Olhares Sobre o Livro**, Rio de Janeiro: PUC-Rio; Laboratório da Comunicação no Design.

_____; Nojima, Vera Lúcia Moreira dos Santos (2003a). O livro eletrônico, questões de suporte. In. **Anais do 2º Congresso Internacional de Pesquisa em Design - ANPEDesign 2003**, Rio de Janeiro: ANPEd.

_____; Nojima, Vera Lúcia Moreira dos Santos (2003b). Relações de serviço em design: entendendo a comunicação antes de elaborar os instrumentos. In. **Anais do Congresso Internacional de Design da Informação 2003**, Recife: SBDI/UFPe - Centro de Artes e Comunicação.

_____; Farbiarz, Jackeline Lima; Nojima, Vera Lúcia Moreira dos Santos (2003). Uma visão semiótica bakhtiniana da relação universidade aluno em cursos de design. In. **Anais do Design e Semiótica - 1º Encontro de semiótica aplicada ao design 2003**, Rio de Janeiro: Núcleo de Design PUC-Rio.

Farbiarz, Jackeline Lima (2001). **Utopia e realidade na atuação do professor de língua e literatura**. Tese (Doutorado em Educação e Linguagem), Faculdade de Educação, São Paulo: Universidade de São Paulo.

_____; Farbiarz, Alexandre (2004b). O designer como mediador na interação entre o livro e o leitor. In. **Anais do 6º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design - P&D Design 2004**, São Paulo: Fundação Armando Alvares Penteado.

_____; Farbiarz Alexandre (2005). Design da leitura: uma questão de conduta. In. **Revista Brasileira de Design da Informação Infodesign**, Curitiba: SBDI.

Farraco, Carlos Alberto, Castro, Gilberto de e Tezza, Cristóvão (orgs.) (1996). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR.

Goffman, Erving (1974). **Frame analysis**. New York: Harper & Ro.

_____ (1992). **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva.

Gomes, Orlando (1999). **Contratos**. 18. ed. atual. Rio de Janeiro: Forense.

Goulemot, Jean Marie (1996). Da leitura como produção de sentidos. In: Chartier, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, pp. 107-116.

Handy, Charles B. (1978). **Como compreender as organizações**. Rio de Janeiro: Zahar.

Humboldt, W. Von (1959). Sobre la organización interna y externa de los establecimientos científicos superiores en Berlín. In. **La idea de la Universidad en Alemania**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, pp. 209-219.

Iser, Wolfgang (1996). **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v.1-2, São Paulo: Ed. 34.

Jacobson, Roman (1969). **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix.

Jaspers, Karl (1965). **The idea of the University**. Londres: Peter Owen.

Jauss, Hans Robert e Lima, Luiz Costa (1979). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Jornal do Brasil (2004). **Literatura para celular**. Caderno B, 27 de julho de 2004, p. 3.

Kerr, Clark (1982). **Os usos da Universidade**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará.

Landim, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira (1997). **Educação à Distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro: [s.n.].

Lévy, Pierre (1995). **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34.

_____ (1996). **O Que é Virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34.

_____ (2001). **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34.

Lüdke, Menga e André, Marli (1986). **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo : Ed. Pedagógica e Universitária.

- Lyotard, Jean-François (2002). **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Manfredi, S. M. (1998). Trabalho, qualificação e competência profissional: das dimensões conceituais e políticas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 19, nº 64, p.13-49, set.
- Marky, Thomas (1995). **Curso elementar de direito romano**. 8. ed. São Paulo: Saraiva.
- Mertens, L. (1996). **Competencia laboral: sistemas, surgimiento y modelos**. Montevideo: Cinterfor/OIT.
- Martins, Maria Helena (org.) (1991). **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto.
- Nery, Sebastião (2002). **Folclore político**. São Paulo: Geração.
- Niskier, Arnaldo (1999). **Educação a Distância. A Tecnologia da Esperança**. São Paulo: Loyola.
- O Globo Online/Agência Brasil (2006a). **Mais de 80 milhões de brasileiros nunca usaram computador**. disponível em <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2006/11/22/286753651.asp>>. Rio de Janeiro: O Globo **Online** (publicada em 22/11/2006 às 17h20m).
- O Globo Online (2006b). **IBGE: cresce índice de acesso à internet e a PCs**. disponível em <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2006/09/15/285668884.asp>>. Rio de Janeiro: O Globo **Online** (publicada em 15/09/2006 às 12h44m).
- Orlandi, Eni (1987). **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2 ed. rev. e aum., Campinas/São Paulo: Pontes.
- _____ (1988). **Discurso e leitura**. Campinas/São Paulo: Unicamp/Cortez.
- Osgood, C. E (1959). The representational model and relevant research methods. In.: POOL, Ithiel de Sola (ed.) **Trends in content analysis**, Urbana University of Illinois Press.
- Perrenoud, P. (1999). **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul.
- Pécora, Alcir (1996). O campo das práticas da leitura, segundo Chartier. In: Chartier, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, pp. 9-17.
- Pinto, Milton José (1999). **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker.
- Pires, Julie de Araujo (2005). **A reconstrução do livro: um estudo em design acerca das possibilidades do livro a partir da hipertextualidade eletrônica**. Dissertação (Mestrado em Design), Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Portella, Eduardo (2003) (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do livro**. São Paulo: UNESCO / Moderna.
- Portinari, Denise B.; Ribeiro, Marcelo G. (2005) O design como atividade crítica. In: **6º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: FAAP, P&D Design 2004.
- Portugal, Cristina. (2004). **Design como interface de comunicação para ambientes de aprendizado mediados pela internet**. Dissertação (Mestrado em Design) - Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Procuradoria Geral do Estado (2006). **Contrato**. Site da Procuradoria Geral do Estado do Rio Grande do Norte, disponível em <<http://www.pge.rn.gov.br/licitacao/17%20-%20CONTRATOS%20.doc>>, Acesso em 01 jun. 2006.
- Ramal, Andrea Cecília (2001). **Educação na Cibercultura**. São Paulo: Arned.
- Santos, L. R. Carvalho; Silveira, Carlos Alberto Andrade (1997). **Contratos – Doutrina, Prática e Jurisprudência**. Campinas: Péritas Editora.
- Sartre, Jean Paul (1989). **O que é literatura**. São Paulo: Atica.

Schwartz, Yves. (2001). Trabalho e educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 7, n. 38, p.5-17, mar/abr.

Teixeira, Anísio (2003). Confronto entre a educação superior dos Estados Unidos e a do Brasil. In. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, São Paulo: INEP, vol XXIII, n. 78, abr-jun, pp. 62-74.

Venosa, Sílvio de Salvo (2003). **Direito civil: contratos em espécie**. v.3, 3. ed. São Paulo: Atlas.

Villaça, Nízia (2002). **Impresso ou eletrônico? Um trajeto de leitura**. Rio de Janeiro: Mauad.

Wald, Arnaldo (1998). **Curso de Direito Civil Brasileiro – Obrigações e Contratos**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

Wolff, Robert P. (1993). **O ideal da Universidade**. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, pp. 7-85.

Zilberman, Regina (2001). **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC SP/Ponto Futuro 3.

ANEXO 1: ROTEIRO PARA DEFESA DA TESE



Depois de defender a minha dissertação de mestrado neste programa, em fevereiro de 2000, e no programa de mestrado em Educação da USP, em dezembro de 2001, fiquei aguardando a abertura do programa de doutorado em Design, o que deveria acontecer em 2003. Neste período de espera eu conversei com a minha antiga orientadora, prof^a Vera Nojima, que me sugeriu seguir o tema de outro orientando de mestrado que estava pesquisando sobre os *eBooks* – os livros eletrônicos. Fiquei encantado com o tema e, partindo do referencial teórico levantado, preparei o meu projeto para o concurso de ingresso.

Em outubro de 2002 estive com minha família em Búzios, onde vi esta obra de arte na praça que dá acesso às praias de Geribá. As estátuas de representam um pregador lendo o texto da Bíblia para uma atenta aluna, sendo observados por um menino. Esta imagem, retratando uma representação de livro e de leitura, foi a capa do meu projeto e memorial.

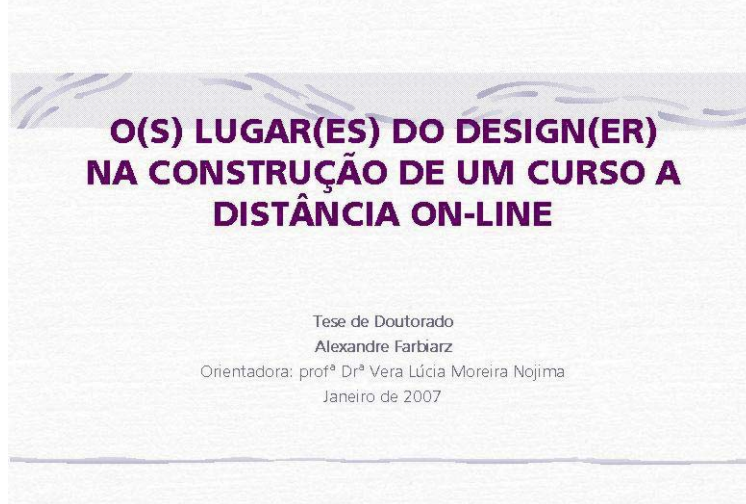


Quatro anos e meio se passaram desde então. Fiz diversas pesquisas, leituras, entrevistas, questionários, experimentos, mas, depois de dois anos, percebi que os estudos sobre o *eBook* não estavam me satisfazendo, pois pareciam não apresentar uma contribuição relevante ao campo do Design.

Novamente a minha orientadora prof^a Vera Nojima veio em minha salvação. Desde o meu ingresso no doutorado, venho participando como supervisor – junto com minha esposa

Jackeline - do Núcleo de Estudos do Design do Livro, coordenado pelo prof. Luiz Antonio Luzio Coelho, vinculado ao LabCom – coordenado pelo prof. Luiz Antonio e pela profª Vera Nojima. Desde então estamos desenvolvendo um curso de educação a distância sobre Livro e Design do Livro. A profª. Vera sugeriu que mudasse meu objeto de pesquisa para o curso a distância, que estava se mostrando uma experiência inovadora e absorvia muito do meu tempo.

Em um primeiro momento não vi como poderia mudar meu objeto de forma tão radical, saindo de um equipamento eletrônico dedicado à leitura para um curso de educação a distância. No entanto, depois de algumas conversas com a Jackeline – e algumas noites sem dormir – percebi que o enfoque da minha pesquisa não estava sobre o objeto, fosse ele qual fosse, mas sobre as relações discursivas entre os agentes envolvidos na sua produção e consumo. É esta a pesquisa que pretendo apresentar a vocês a partir de agora.



Assim, a tese *O(s) lugar(es) do design(er) na construção de um curso a distância on-line*, busca mapear as relações discursivas entre os agentes de produção e consumo de um curso a distância on-line, como forma de contribuir para a capacitação do designer para atuar neste campo. Eu uso como caso exemplar o curso de educação a distância on-line *Dodecaédria*, que vem sendo desenvolvido pelo Núcleo de Estudos do Design do Livro.

Denominei os capítulos da tese em uma analogia aos espaços virtuais do próprio curso, que são:

- A introdução, **Situando-se em Metal**, em que apresento um breve resumo histórico da educação a distância e relato as três primeiras fases de desenvolvimento de *Dodecaédria*.
- O capítulo 2, **O Objeto em Terra**, no qual descrevo as questões que nos levaram a modificar o curso partindo para a quarta, e atual, fase de sua produção. Creio ser importante ressaltar que quando apresentei o meu relatório de qualificação, no final de julho de 2006, ainda estávamos na terceira fase de produção. Assim, em menos de cinco meses, o curso sofreu grandes mudanças, que apresento neste capítulo.
- O capítulo 3, **Como em Água**, em que apreento uma leitura de autores como Goulemot, Bakhtin, Iser, Jauss e Chartier, que abordam o tema texto/leitura e livro/suporte pelo enfoque da linguagem, para realizar uma revisão bibliográfica sobre a produção de sentidos na relação discursiva.
- O capítulo 4, **Entre o Fogo e a Madeira**, onde realizo uma revisão de pesquisas sobre a relação entre interlocutores nos campos da Linguagem e da Educação.
- O capítulo 5, **A Reflexão no Atrium**, em que procuro levantar os pontos de encontro e desencontro na relação entre as teorias discutidas e a prática da realização do curso, demonstrando como a teoria contribui na prática e a prática na teoria, apresentando contribuições para a capacitação do designer para exercer o papel de

arquiteto cognitivo na produção de um curso de educação a distância on-line.

- O último capítulo da tese, **Do Outro Lado do Espelho**, está reservado às minhas reflexões finais, em uma avaliação dos resultados alcançados e de outras questões levantadas, mas que se situam além do enfoque desta pesquisa.

1. Introdução. Situando-se em Metal:

O curso de educação a distância *Dodecaédria* vem sendo desenvolvido pelo NEL, que tem como campo principal de estudo a questão do livro e suas fronteiras. O NEL é um núcleo de pesquisa vinculado ao Laboratório de Comunicação no Design do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, e é parte integrante do grupo de pesquisa Sistemas Simbólicos na Mídia Visual, criado em 1994, sob a coordenação do prof. Dr. Luiz Antonio Luzio Coelho e registrado no diretório Lattes dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Conta, atualmente, com dezesseis pesquisadores entre doutores, mestres, estudantes de pós-graduação e dois bolsistas de iniciação científica.

O curso *Dodecaédria* começou a ser formulado em 2003 e, até o momento atual da pesquisa, já apresentou quatro fases de produção mais ou menos distintas, caracterizadas por estruturas e concepções didático-pedagógicas próprias.

A temática geral do curso, Design do Livro e Design da Leitura, tem por base as pesquisas individuais e coletivas dos membros do NEL.

(...) pensar em Design da Leitura é pensar o Design na complexidade da palavra, “não apenas como uma atividade de dar forma a objetos, mas como um tecido que enreda o design, o usuário, o desejo, a forma, o modo de ser e estar no mundo de cada um de nós (Couto e Oliveira 1999)”. (Farbiarz e Farbiarz, 2005)

O curso visa a atingir profissionais, pesquisadores e estudantes nas áreas de Design, Comunicação, Letras, Educação, Ciência da Informação, Tecnologia, Ilustração, Mercado Editorial, Formação do Escritor e afins.

Considerando a variedade na faixa etária do público pretendido e, também, o alcance territorial da educação a distância, foram definidos dois tipos básicos de público a alcançar:

1. O aluno contemporâneo, que anseia encontrar desafios no ambiente virtual;
2. O aluno antigo (formado antes do boom da internet), que quer encontrar uma possibilidade de navegação não linear, mas que tem um uso limitado dos recursos tecnológicos. Este aluno sabe que o mercado está impondo que ele faça parte do ambiente tecnológico, mas se sente receoso diante das inovações.



Neste sentido, buscamos estabelecer um discurso que vá ao encontro das potencialidades

que o suporte apresenta sem, contudo, perder o contato com referências presentes no repertório dos alunos-usuários. Desta forma, elaboramos uma narrativa lúdica, que denominamos FIMP – Ficção Interativa Multiparticipativa – na qual elementos narrativos e lúdicos se mesclam com os propósitos didáticos do curso. A FIMP tem a estrutura de um jogo, parte RPG, parte jogo eletrônico. O aluno-usuário assume o papel de uma personagem – como um avatar – que percorrerá os ambientes do espaço virtual de uma biblioteca fantástica realizando atividades em busca de conteúdos.

A biblioteca é dividida em salas – Gabinetes – onde estão localizadas estantes com livros-arquivo que podem ser baixados pelo aluno para leitura dos conteúdos. Cada Gabinete contempla uma sub-divisão do tema geral do curso e a ambientação visual deste espaço busca representá-lo.

1. Situando-se em Metal 2. O Objeto em Terra 3. Como em Água 4. Entre o Fogo e a Madeira 5. A Reflexão no Atrium 6. Vislumbrando o Espelho

Divisão Temática

- ☞ **Madeira:** emissão, intenção, agentes, **quem**;
- ☞ **Fogo:** recepção, fruição, **para quem**;
- ☞ **Terra:** discurso, enunciado, código, **o que**;
- ☞ **Metal:** contexto, cenário, **onde**;
- ☞ **Água:** método, planejamento, estrutura, **como**.

O(s) lugar(es) do design(er) na construção de um curso a distância on-line
Alexandre Farbiarz

9

2. O Objeto em Terra:

A partir de agosto de 2006, o grupo empreendeu uma nova mudança na estrutura geral do curso, tanto no âmbito da forma quanto no âmbito da produção.

No âmbito da forma, percebemos alguns problemas nas matrizes utilizadas anteriormente para a divisão temática do curso e passamos a buscar um novo modelo que se integrasse ao conceito lúdico-educativo. Nossa pesquisa resultou em uma nova divisão em cinco sub temas, não excludentes, cujo caráter metafórico fortaleceu os aspectos metodológicos, didáticos e visuais do curso.

Cada um dos espaços virtuais de acesso a conteúdos e atividades passou a abordar um conceito específico a partir de cinco perspectivas distintas e complementares sobre os conteúdos e objetivos do curso, cujo enfoque parte da relação discursiva entre interlocutores. Desta forma, cada Gabinete passou a ter sua visualidade e sua temática associadas a um dos cinco elementos chineses, Madeira, Metal, Fogo, Terra e Água, sendo:

1. Elemento **Madeira:** emissão, intenção, agentes, **quem**;
2. Elemento **Fogo:** recepção, fruição, **para quem**;
3. Elemento **Terra:** discurso, enunciado, código, **o que**;
4. Elemento **Metal:** contexto, cenário, **onde**;
5. Elemento **Água:** método, planejamento, estrutura, **como**.



No âmbito da produção, o grupo começou a utilizar uma das ferramentas de comunicação previstas para o curso como forma de realizar uma produção interativa e participativa. O fórum *Dodecaédria* passou a centralizar as atenções do grupo, especialmente no desenvolvimento da visualidade. Discussões teóricas, trocas de referências visuais e produção a várias mãos das imagens do ambiente virtual do curso passaram a circular pela internet.

3. Como em Água:



Pretendo aqui, contemplar as visões de diferentes autores que abordam a produção de sentidos da leitura. Parto do pressuposto de que, para se entender o curso a distância on-line enquanto palco de uma relação discursiva entre diversos interlocutores é preciso, inicialmente, compreender que o suporte pode agregar sentidos ao texto, mesmo que em dimensões variadas. Suporte e texto trabalham concomitantemente na produção de sentidos da leitura.

4. Entre o Fogo e a Madeira:

Neste capítulo trato das relações de serviço em Goffman (1992:266), do Contrato Psicológico em Handy (1978:45) e do Hiato Cognitivo (Farbiarz, 2003b).

Modelos de Universidade		
	Base Contratual	Categoria Contratual
Modelo Germânico	Equilíbrio de poder; liberdade conjunta.	Contrato Cooperativo
Modelo Britânico	Poder institucional; pouca liberdade de ambas as partes.	Contrato Coeritivo
Modelo Norte-Americano	Poder discente; muita liberdade de ambas as partes.	Contrato Calculista
	Enfoque	Práticas de Ensino
Modelo Germânico	Enfoque na auto-construção do conhecimento, privilégio da criatividade e da crítica, uso da experimentação e da pesquisa e integração desta com o ensino assim como da teoria com a prática.	Prática Experimental
Modelo Britânico	Enfoque na não-construção do conhecimento, na constituição de uma prática pela experiência pessoal, calçada na relação pessoal e em olivos ou, no pólo oposto, calçada na não-relação, no total distanciamento, na concepção de 'torre de marfim'.	Prática Subjetiva
Modelo Norte-Americano	Enfoque na pré-construção do conhecimento, do privilégio da prática, da preocupação com técnicas eficazes e modernas, na pré-constituição do saber e distanciamento do aluno.	Prática Metodológica

O(s) lugar(es) do design(er) na construção de um curso a distância on-line
Alexandre Farbiarz

13

Neste capítulo discuto os modelos de universidade e suas relações com as categorias contratuais. Depois busco definir a relação destes enfoques com práticas de ensino.

5. A Reflexão no *Atrium*:

No capítulo 5 procuro levantar os pontos de encontro e desencontro na relação entre as teorias discutidas e a prática da realização do curso, demonstrando como a teoria contribui na prática e a prática na teoria apresentando contribuições para a capacitação do designer para exercer o papel de arquiteto cognitivo, na produção de um curso de educação a distância on-line.

6. Do Outro Lado do Espelho: Contribuições

Proponho, motivado pelas reflexões apresentadas, que o designer, no papel de agente tecnológico interdisciplinar, seja preparado para assumir a função de arquiteto cognitivo na formulação do design didático de um curso de educação a distância on-line. Não obstante na relação presencial ou semi-presencial possa caber ao professor perceber as demandas do aluno e guiá-lo pelos mares do conhecimento, na relação não-presencial este papel deve ser compartilhado com o designer, em sua competência tecnológica e discursiva.

Outras Contribuições.



No início de janeiro eu e minha família retornamos a Búzios, para umas férias em meio à "tempestade". Parei o carro em frente à praça onde estão as estátuas que usei como ilustração para o meu projeto inicial e pedi às crianças que me ajudassem com as fotos.

Depois da pose como alunos-ouvintes, cada um escolheu uma foto para tirar. Hannah, a mais velha, fotografou o livro. Nathan, o mais novo, fotografou o menino que observava a cena.



Mais uma vez meus filhos me mostraram de forma simples coisas que nós, adultos, às vezes demoramos a perceber. Cada um deles via a mesma cena de uma forma diferente.

Hannah, que vai completar nove anos em junho, é uma menina muito inteligente e organizada. Seu quarto está sempre organizado e quando o irmão entra e mexe em alguma coisa ela logo percebe o que está "fora do lugar". Cada atividade que ela começa arruma antes de fazer outra. Extremamente crítica, está sempre explicando e argumentando seu ponto de vista.

Nathan, que acabou de completar sete anos, é bem diferente da irmã. Entusiasmado e dinâmico, pula de um lado para outro, brincando com várias coisas ao mesmo tempo. Seu quarto parece em confusão permanente, mas isto não o incomoda. Quando ele vai explicar algo, lembra situações que aconteceram meses antes, filmes que viu na TV, conversas que tivemos dias antes e mistura tudo como ele só.

Meus dois filhos são diferentes um do outro, mesmo tendo sido criados juntos. A Hannah, para mim, se parece com o código; com começo, meio e fim; muito linear. Nathan, ao contrário, me lembra o hipertexto, pulando de uma coisa à outra, várias páginas abertas; muito não-linear.

Mesmo diferentes, os dois se adoram, se completam. Eu e a Jackie percebemos que, para que os dois tivessem as mesmas oportunidades, deveríamos falar com cada um, educar cada um de forma diferente, para chegarmos a um lugar próximo com os dois.

Eu espero que esta tese possa contribuir para a formação do designer, e para a compreensão do Design, de uma forma mais ampla da que eu me propus inicialmente. Eu acredito que se o designer entender que todo e qualquer produto da sua competência é uma forma de discurso que o liga àquele que vai consumir este produto, o designer vai perceber a necessidade de conhecer este interlocutor, de estabelecer uma relação dialógica com ele. O produto do Design, seja um objeto ou um sistema de informação, é uma ponte que se apóia de um lado no designer e no outro no consumidor.

Se o designer se deixar levar pela amplitude dos mercados e ignorar o repertório daquele que vai concretizar a produção de sentidos do seu produto, se ignorar as diferenças entre os indivíduos de um mesmo grupo, pode acabar reforçando estereótipos presentes naquele contexto sócio-histórico-cultural.

Eu acho que é importante formar o designer para compreender que a produção de sentidos se concretiza no momento da leitura, e que discurso, suporte, designer e usuário são atores e autores neste processo dialógico.

ANEXO 2: COMENTÁRIOS DA BANCA

ANEXO 2.1 COMENTÁRIOS DA PROF^a DR^a NILMA GONCALVES LACERDA

Doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora da Faculdade de Educação da UFF

Em primeiro lugar, e sempre, a alegria de estar aqui, de ter recebido este convite para dialogar com o trabalho de Alexandre Farbiarz, orientado por Vera Lúcia Nojima. Estamos frente a um trabalho de excelência, assim visto por todas as faces do prisma pelas quais se possa tomá-lo. Pelo projeto autoral, pelo projeto de investigação cuidadosa de cada um dos aspectos necessários à articulação e sustentação das idéias, pelo trabalho coletivo, primoroso e percuciente, da construção de Dodecaédria, pela isometria entre o estudo e o objeto de estudo, que projeta como realização no trabalho o princípio metodológico em que "...tentamos romper com a tendência coletivista do ensino presencial e individualista do ensino a distância" (p. 81), permitindo a construção do terceiro objeto: um coletivo autoral, em contrato cooperativo, voltado aos produtos de benefício comum.

"As múltiplas vozes" presentes nesta tese (p. 20) fortificam o eu que se enuncia e se arrisca, um protagonismo assumido com tranqüilidade e consciência da partilha em via de mão dupla docente ↔ discente.

Para além do processo pedagógico, a via de mão dupla se revela ao longo do trabalho, e desde a página dos agradecimentos. A riqueza de nomes aí presentes mostra uma pessoa em coletivo, e ciosa do seu eu. Raro Alexandre, que alegria estar nessa rede.

Digo que vida não se agradece, e, como Alberto Dines diz que idéias não são para ser vendidas, mas trocadas e multiplicadas, venho, por minha vez, dizer que, em vez de agradecer a oportunidade, ponho-me à disposição para troca e multiplicação.

A situação formal de arguição vem se encaminhando, cada vez mais – na perspectiva de um sistema germânico de universidade –, para o diálogo. Frente à qualidade deste trabalho, não pode ser outro o posicionamento. Estamos portanto em diálogo, caro Alexandre, e, diálogo platônico ou contemporâneo, ele só é possível com a disponibilidade ou o afeto, que conduz à proximidade sensível e conceitual. Em diálogo, recebemos a fala do outro e a devolvemos, enriquecida com nossas contribuições e as contribuições para quem e para além de nós. Assim, escrever "Conhecer o aluno, dialogar mais próximo a ele" (p. 81) incorre no equívoco comum de que é possível dialogar sem proximidade. Neste trabalho, em que é permanente o cuidado com as fontes, a identificação minuciosa e atenta de cada item, consignado o nome do autor ou da autora, evidenciando-se a aliança de aguda consciência ética a rigor metodológico, acredito que a frase possa receber um tratamento semântico mais adequado.

Buchanan (in: Couto, 1997, na p. 32 do trabalho) é o autor de uma das citações que assinalarei como instigantes: "... os problemas em Design são primordialmente imprecisos por que o próprio campo do Design é impreciso, cabendo ao designer planejar e conceber o que ainda não existe". Ou que existe, e ninguém se apercebeu, como a solução que você dá aos anexos. O estranhamento que conduz à leitura mais aguda, como requer João Cabral de Melo Neto em "Catã Feijão" (1966. *Educação pela pedra*).

Catã feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
E as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo;
pois catã esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um, risco
o de que entre os grãos pesados entre
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a com risco.

João Cabral de Melo Neto. In: *Poesias completas* (1940- 1965). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. pp. 21-2.

É de extrema coerência o design desta leitura: o quanto havia lido eu, à p. 38 de texto primário, e remetida à p. 194, de um dos anexos? Em que ponto da numeração seqüencial me situaria? O virtual propõe suas reações, o design se mostra poética, na intervenção de Farbiarz, que tem a instalação do reinado pleno, na própria organização do trabalho. Na trama deste tecido, proporia discutir a denominação de anexos. Por que não caminhos, ligações, links?

Em minha face de tapeceira, me agradou demais a referência ao filme *Gabbeh* (p. 64), mas a relação intrínseca entre o filme e a atividade não oferece a consistência da atividade anterior, referenciada em *Alice no País das Maravilhas*. Alistar os conteúdos para conseguir colocar a chave debaixo do tapete não estabelece trama suficiente para que a atividade se remeta ao filme e à arte de tecer com fios da vida.

Na contribuição ao trabalho, sugiro um corte nos itens que se repetem, um pouco por necessidade acadêmica, outro tanto pela metodológica, outro tanto porque o trabalho ainda está no presente. Na revisão próxima, verificar obras citadas que não se encontram alistadas nas referências bibliográficas, rever alguns pequenos descuidos de linguagem, por vezes, truncamento de sentido por falta de algumas palavras. As subdivisões em excesso (chegam a 7 na p. 57) turvam o design, e acredito que as tabelas da CGI.Br (Comitê Gestor da Internet no Brasil) mereçam uma nota acerca da impropriedade da referência cor ou raça, já bastante discutida em múltiplos espaços.

Você esclareceu bem que não é objetivo deste trabalho discutir a função do design didático, mas me ressinto de uma pequena mostra conceitual e aí estaríamos adentrando o território da *Poética do Estudo*.

Por aí, digo de meu lugar nesta banca, neste programa, neste território mencionado inúmeras vezes no trabalho como interdisciplinar. Sou uma viajante da palavra escrita, leitora e escritora que copia textos à mão, a partir dos variados suportes em que se apresentam, e a quem o plano papel nunca bastou; não pertencço a linhagem nova, você reconhece à p. 128, como Julie Pires constatou igualmente em sua dissertação de mestrado. Necessito contar mais de uma história por vez, e vou me valendo de recursos gráficos para abrir os links de que necessito. Como Piglia, acredito que uma boa história carrega com ela uma outra, oculta na aparência, mas tão essencial e contundente que basta a meia luz para sua revelação.

Mas falemos da leitura, que me toma mais neste trabalho do que me tomaria a escrita. Seu armazém teórico (poderíamos usar arsenal, metáfora mais comum, mas os armazéns parecem bem mais interessantes) é dos mais competentes e você sabe onde arrumar cada mercadoria, o que fornecer a quem, segundo competências e habilidades. O que você oferece, Alexandre, a seus leitores é muito bem manejado, e adequadamente empregue. Iser, Chartier, Jauss, Bakhtin, Goulemot, autores familiares ao território da escrita e bem entregues à degustação do leitor ou da leitora.

A referência à especificidade da leitura, como faz em seu anexo (p. 148), aponta para a intimidade inviolável entre texto e leitor, tal como se pode verificar no depoimento de Sartre em *As Palavras*. Em curso recente sobre Leitura, literatura e a formação do leitor, coordenado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil para a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, uma professora de educação infantil assinalou com clareza a intransferibilidade da construção do sentido: não cabe nada entre o menino Jean-Paul e as

palavras que acaba de encontrar.

Seu trabalho levanta a questão primordial sobre a leitura que queremos (p. 19). Acredito que a resposta esteja para bem além da leitura como ato quantificável ou voltado a outras utilidades; “escrever livros que atraíam mais o leitor” (p. 123), estipular um número de horas para a leitura (1 semana x 2 horas) ou procurar baixar o custo do livro são itens que não contemplam **o valor da experiência** proporcionada pela leitura. Essa incompreensão permite equívocos como estabelecer divisões entre leitura com valor e leitura sem valor (p. 18), em cujos atributos determinantes, aprender ou distrair, está implícita a autorização para leitura, questão das mais sérias nos países como o nosso. Quem pode ler, no Brasil? Quem está autorizado a ler no Brasil? A atenção a essas interrogações subliminares pode colaborar de forma significativa para o equacionamento de alguns problemas do ensino e do aprendizado de leitura.

Notas para finalizar:

- O EAD – um novo desenho do aprender, porque um novo desenho do mundo.
- O designer como arquiteto cognitivo, de dinamizador da inteligência coletiva (p. 27).
- Dodecaédria: embarquei! A FIMP! Mas um gosto antigo nas matrizes. Por que escapar de Dodecaédria? Por que uma residência alternativa? Fruir, incorporar-se ao saber, tornar-se produtor de saber, por sua vez.
- Os estudos de objetos e ambientes são marcadamente burgueses, de um gosto muito datado. E os ambientes abertos? E outras realidades geográficas já que o curso vai se dispersar? Nada é novo, mas sofre rotação prismática. Então: gabinete, por que não: nave? Metáfora que você toma na p. 136, mares do conhecimento. Navegar, ação mais antiga, mas que ilimitava as viagens daquele tempo. E a rede?
- p. 176 – os objetos básicos nos gabinetes: a máquina de escrever, ótimo; coexistência de suportes, como Chartier enfatiza que a imprensa não fez desaparecer o manuscrito. Mas por que não aparece o computador, num bom jogo metatextual? (terceira fase, atividade lúdica)
- O descompasso entre os relógios de existência particulares. (p. 195)
- p. 176 “Em Dodecaédria o tempo é flexível. Encontra-se diante da mesa.” – estupendo, borgiano.
- A EDA – Iluminismo, Kant, Foucault e Chartier – “Obedecer o racinar” (*Pluma de ganso, livro de letras, ojo viajero*. México, 1997).

ANEXO 2.2

COMENTÁRIOS DA PROF^a DR^a MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS

Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora da Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Agradeço imensamente o convite e a oportunidade de acompanhar o desdobramento da Qualificação, das idéias apresentadas, discutidas e tão intensamente vividas pelo Alexandre pesquisador, professor e pessoa, com uma orientação tão íntegra como percebemos na leitura da Tese.

1. Da forma:

Gostaria de me deter na forma da Tese, que foi para mim um dos itens mais intrigantes, um desafio de leitura. Logo de imediato, no início do meu percurso, quando vi as duas cores das folhas, pensei em três imagens interligadas: um novelo, o labirinto e depois a Esfinge com a eterna ameaça "Decifra-me ou devoro-te!": o novelo como estratégia para o viajante-herói não se perder no labirinto (da leitura) é uma imagem clássica, a salvação de Teseu por Ariadne, movida pela inteligência e o amor. Como leitora senti na pele a ameaça da Esfinge e lancei mão dos novelos que sempre trago na bolsa. Depois dessa primeira rede de associações, pensei nos *Senders que se bifurcan*, de Borges, e na sua *Biblioteca de Babel*, de 1941, ambos no livro *Ficções*.

Fiquei pensando no quanto sua estratégia discursiva teria de analógico, alegórico ou metafórico, já que seu discurso é não somente uma rede associativa, mas um plano especial de superposições discursivas, como uma espécie de escrita em palimpsestos que podem guardar uma autonomia entre cada superfície da folha. Ou seja, há escritas sobre outras, imagens sobre outras, saberes sobre outros que vão desdobrando continuamente a imagem espacial do *Dodecaédria* - e da tese - em múltiplas configurações discursivas.

O que isso vai trazendo para o leitor da sua tese? Um desafio instigante de leitura, já que a estratégia promove dificuldades (positivamente entendidas) de leitura. Esta configuração formal, essa estrutura que se pretende desestrutura (da mesma forma que em Borges a desordem da Biblioteca de Babel é "A Ordem") merece um cuidado de filigrana.

1.1 Sobre os anexos:

Entendi que não são apenas as cores destacando os anexos que marcam a diferença e a superposição dos discursos. Esta visibilidade dos anexos é a inserção mais imediata e visível de reorganização da ordem. Parece-me que a superposição de discursos dentro do próprio texto (folhas brancas) é o mais delicado de ser redigido/lido. Mas vamos nos deter nos anexos primeiro.

Eles têm uma paginação diferenciada do texto branco (me permite chamar assim).

Sua inserção, não no final do texto como é usual, mas ao longo do mesmo, tem razões lógicas específicas (exemplificação ou ilustração do que está sendo dito) de uma forma suplementar, o que é muito interessante. Os anexos são para mim um desejo de polifonia do Alex.

Essa estrutura me instigou a ler a tese de pelo menos duas formas: li direto seguindo o movimento tradicional. Depois li só as folhas brancas e depois só os anexos. Foi quando percebi que na numeração dos anexos algumas páginas estão faltando. Ao reconferir a "ordem", pelo que consegui perceber, algumas que na minha visão estavam faltando, na verdade estavam em outra ordem embora mantivessem a numeração. Neste caso não cheguei a uma conclusão se foi uma questão na hora da encadernação ou se foi intenção. Se foi intenção, achei excessivo porque a numeração dos anexos e das páginas foi mantida apesar troca de ordem dentro da ordem já trocada. Vale lembrar que nem todos os anexos têm uma continuidade amarrada como o texto branco e por isso a sua troca não causa prejuízos à leitura, mas confunde um leitor mais atento.

E finalmente a outra questão é que, em determinados momentos, a quantidade de dados

descritos nos anexos me pareceu excessiva, como se fosse pautada por uma necessidade de trazer o maior número possível de informações sobre o contexto que envolve o Dodecaédria, a elaboração da pesquisa, da tese e dos envolvidos. Claro que essa contextualização compõe o cenário polifônico e é maravilhoso que o leitor tenha ciência da vastidão do processo e da rede de relações que ele envolve, mas é preciso promover um equilíbrio entre o que precisa ser dito e o que pode ser sugerido apenas e força o leitor interessado a procurar fora dali.

1.2 Sobre o texto "branco":

Como já mencionei, é uma rica e complexa superposição de saberes em diversas áreas práticas e teóricas. Ocorre que há também aqui uma polifonia e as vozes múltiplas e inserções de questões teóricas que justifiquem a metodologia interdisciplinar e o olhar do pesquisador - todas nas folhas de mesma cor. Não estou sugerindo um texto colorido, apenas chamando a atenção para o fato de que as inserções e superposições discursivas existem ao longo de toda a tese, não apenas nos anexos.

Os links entre essas vozes são mais difíceis de serem feitos e uma das soluções encontradas com muita habilidade na tese foram os subtítulos poéticos.

Subtítulos poéticos incorrem no risco de serem um fim em si mesmos, mas aqui isso foi muito bem realizado porque Alex conseguiu fazer a relação do substrato poético e das imagens evocadas com os textos que eles intitulam. Gostaria de ressaltar um dos que me aprecem mais difíceis que é o "Entre o fogo e a madeira", justamente porque o lugar ENTRE é uma fronteira pontilhada, um traçado que ao mesmo tempo une e separa sem se deter como margem, nem continente. Parabéns por conseguir constituir um lugar (im)preciso.

Há aqui inúmeros conceitos (ordem teórica) fundamentais ao entendimento da tese conforme utilizados por você e que foram muito bem explicados, como: leitura, dialogismo e polifonia, contratos etc. (refiro-me às áreas em que tenho conhecimento para analisar) Acho porém, que o "pós-moderno" aparece nas páginas 17 e 19 como termo e não como categoria teórica controversa. E isso não é um preciosismo de minha parte porque; todo o encaminhamento da sua tese, assim como os autores citados (Borges, Joyce, Calvino) trabalham com a fragmentação e implosão da narrativa, desconstrução dos discursos e, como tal, são ícones do que se chama pós-moderno.

Penso que esse conceito merecia uma valorização em função do seu próprio desejo de fazer uma tese numa nova ordem. Sugiro Terry Eagleton (*As ilusões do pós-modernismo e Depois da Teoria*), Gilles Lipovetsky (*Os tempos hipermodernos*), Anthony Giddens, (*As conseqüências da Modernidade*).

Para finalizar, gostaria de sugerir um pouco mais de informações sobre a estrutura da tese no *Vestibulum*. Assim como você se preocupou em explicitar a sua forma discursiva no texto, a sua presença, enfim (eu/nós), senti falta de um preparo do leitor para a viagem complexa que terá diante de sua frente, ou seja, a estrutura da tese. O desafio seria falar dela sem explicá-la. Aliás, o desafio que Umberto Eco declara ter sentido quando foi convidado a escrever o *Pós-Escrito a O nome da Rosa*, explicando o processo de composição do livro sem induzir a sua interpretação de forma determinante. Porque afinal, segundo ele, o "romance é uma máquina de interpretações" e "Todo escritor deveria morrer depois de escrever, para não perturbar o caminho do texto". (Eco, 1985: 12)

Gostaria de terminar parabenizando o Alexandre pela criatividade dentro da formatação acadêmica, por ter sabido aliar seriedade, competência e vontade de inovar, de fazer uma reflexão poética, interdisciplinar e interessada em atuar no mundo pelo viés do ensino, da interatividade, de não esquecer que existem pessoas vivas e que o lugar da pesquisa não se restringe ao laboratório, às torres acadêmicas e nem apenas ao *Vestibulum* e ao *Atrium*. E finalizo com as palavras de Borges, em *Biblioteca de Babel* (Borges, 1956: 85).

ANEXO 2.3 COMENTÁRIOS DA PROF^a DR^a MARIA DO CARMO LEITE DE OLIVEIRA

Doutora em Lingüística Aplicada ao Português e pós-doutorado pela Universidade de Lisboa
Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio

É impossível não começar comentando o efeito latinha pó Royal que impressiona ao ler a sua tese:

- A interdisciplinaridade começa no percurso do autor que cruza comunicação social, marketing, design, educação.
- Depois a interdisciplinaridade teórica que apóia a tese, cruzando estudos da linguagem, educação, direito, literatura e design.

Enfim, os lugares de Alexandre e do design se cruzam na construção de uma tese sobre a interdisciplinaridade de um curso em EAD.

Parabéns pela tessitura de vida e acadêmica.

O seu trabalho também me lembrou o filme Babel:

- Há uma ordem na desordem
- Há poesia no enquadramento da questão da comunicação em EAD: A organização da tese, os títulos e subtítulos metafóricos projetam o jogo do RPG na tese – entramos pelo vestibulo e saímos pelo átrio. Como na latinha do pó Royal, a mensagem se reproduz infinitamente.
- Exploração de significados novos através de significados velhos: Os anexos ressignificam o sentido de anexo: vêm no corpo da tese não como anexos, mas distinguidos por um tipo de papel diferente, o que os torna ao mesmo tempo parte e anexo do texto principal.
- E a tese como um todo faz o que Babel faz elegantemente e originalmente quando nos faz sentir o que um surdo “ouve” numa discoteca. Você nos empresta os olhos do design para ver o objeto.

O designer e o pesquisador se cruzam novamente.

A seguir, algumas dúvidas, comentários e questões.

(i) Eu queria começar por um comentário que tem a ver com cruzamentos também.

- Na pág. 27 você diz que pretende com a sua tese ampliar a visão do papel do design e do designer no desenvolvimento e produção de um curso a distancia.
- Na pág 137, você diz considero esta tese um passo preliminar no sentido de discutir o desenvolvimento de cursos EAD on-line e da participação do designer em sua construção.

Na primeira colocação o foco – como no título – é muito nítido: o designer.

Já na segunda, a figura parece o curso (seu objetivo seria mais o de documentar o processo do curso que exemplifica a descoberta do papel do design na construção).

Como você vê isso? Seria bom ver na tese todas as passagens que você fala em objetivo (pretendemos, etc...) e acertar o foco.

(ii) A segunda questão diz respeito à tecnologia.

- Na p. 134, você faz a seguinte afirmação sobre tecnologia:
“a grande limitação no momento presente tem sido a própria tecnologia. Se por um lado é ela que nos permite o uso de poderosos recursos didáticos e discursivos, por outro é ela que tem imposto diversas limitações às mesmas propostas, forma e conteúdo nem sempre estão em sintonia”

Não seria uma visão muito determinística? Eu acredito mais numa outra que reconhece o que as pessoas fazem com as *affordances* da tecnologia.

(iii) Nessa linha ainda sobre as possibilidades e restrições da tecnologia, eu gostaria de colocar uma questão sobre a ficção interativa multiparticipativa – FIMP – um recurso que como você afirma une a narrativa lúdica com os propósitos didáticos da busca do saber.

Isso me lembrou alguns conceitos de Fairclough, como o de comodificação: modos de significado tradicionalmente associados com determinados domínios de produção e de relações industriais começam a ser usados fora desses contextos industriais. Aluno/cliente, por exemplo.

No caso da FIMP, me pareceu uma solução adequada ao conteúdo e ao público pretendido pelo curso. Pareceu-me também uma ferramenta rica que, num sentido metafórico, deve inspirar-nos na busca da interação multiparticipativa, seja em quem forma de educação for.

No entanto, essa questão do lúdico no ensino a distancia estaria, a seu ver, mais associada às possibilidades da tecnologia, ao deslocamento do conteúdo como tônica de um curso EAD (p. 125) ou a um tipo de discurso que pode ser associado com produção de *commodity*? Ver inclusive o seu apoio na teoria de Goffman sobre relação de serviço.

Na p. 125 “enquanto o conteúdo for a tônica de um curso EAD e servir como base para a concepção da forma, os recursos não lineares parecerão adornar uma estrutura linear de pensamento e construção de conhecimento criando um forte paralelo com o livro didático impresso”.

Fala da Nilma: Que educação on-line queremos?

(iv) Ao longo da tese, você elenca pontos de confronto entre o gênero aula presencial e aula a distancia. Para você o que seria mais característico do gênero EAD? O estilo híbrido do discurso? E a FIMP como poderia ser caracterizada enquanto gênero discursivo?

(v) Acho que faltou na conclusão uma explicitação da contribuição da sua tese para a formação do designer. Aqui e agora, como você resumiria essa contribuição?

Alexandre, incluí uma sugestão de que fossem revistas as passagens em que você fala sobre transmissão: O discurso transmitido através do suporte; transmite o repertório para o outro, etc.

ANEXO 2.4

COMENTÁRIOS DA PROF^a DR^a RITA MARIA DE SOUZA COUTO

Doutora em Educação pela PUC-Rio
Professora do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio

1.

Agradeço a você, Alexandre, e a sua orientadora, a professora Vera Nojima, pelo convite para participar da cerimônia de defesa de sua tese.

Quero inicialmente elogiar a organização das informações no documento que você apresentou: é criativa e tornou a leitura leve e prazerosa. Ele está bem estruturado e bem escrito e o conteúdo está apresentado de forma coerente e clara.

Está sendo um privilégio participar da apresentação de sua pesquisa, que tive a oportunidade de acompanhar por breve período, nas disciplinas de Metodologia e Interdisciplinaridade e, por último, no seu exame de qualificação.

E por falar em metodologia, elogio a precisão com que você trabalhou suas questões metodológicas. Gostei muito de ler no seu Preâmbulo, a justificativa para o uso da 1ª pessoa do singular e o reconhecimento de que a sua voz é permeada por uma polifonia de vozes. Ótimo ancoramento em Bakhtin.

Parabenizo, assim, a você e a sua orientadora pela qualidade do trabalho realizado.

2.

Durante a leitura dos originais fui sendo levada pelo universo do curso Dodecaédria, apresentado de forma detalhada e rica. Confesso que, em alguns momentos, tive vontade de estar sentada no computador, imersa na FIMP, viajando pelo fórum da confraria, pelas salas, gabinetes e bibliotecas. Tive imensa curiosidade a respeito dos objetos e cenários. Senti-me instigada pelas possibilidades de leituras e releituras, pelas múltiplas formas de produção de sentido que este complexo objeto vai propiciar.

Contudo, não vou tecer comentários sobre a beleza e oportunidade do projeto do curso Dodecaédria nem sobre a excelente equipe que está por detrás de sua elaboração, a começar pelo professor Luiz Antonio.

Do seu trabalho, quero deixar marcada minha impressão geral: pode-se dizer, que ele é 'aberto a inclusões'. É possível afirmar, também, que ele teve um percurso interdisciplinar.

Passo agora a alguns comentários pontuais,

3.

Sobre o Design em Parceria

Este enfoque metodológico, que é muito caro a nós que trabalhamos com Design aqui na PUC, vem há cerca de 30 anos se desdobrando em mil facetas e ampliando os horizontes daqueles que dele se aproximam.

No seu caso, o Design em Parceria propiciou a seleção de seus parceiros de percurso, que lhe ajudaram a fazer a necessária ampliação de horizontes de seu objeto de estudo.

Creio, Alexandre, que sua busca pelo 'lugar do design na construção deste curso' já nasceu bem sucedida, uma vez que você, desde o início, se propôs a fazer uma parceria com seus colegas de projeto.

O trabalho conjunto, na maior parte das vezes, é difícil, todos nós sabemos.

Requer segurança, com humildade, porém.

Pressupõe respeito às opiniões dos outros mas, também, respeito pelas nossas próprias opiniões.

Exige trânsito equilibrado entre a postura de líder e de liderado.

Deve incluir sabedoria para assumir ou compartilhar autoria, ganhos, descobertas. E assim por diante.

O Design em Parceria é, sem dúvida, uma grande escola! E você, Alexandre, trouxe para nós mais um exemplo bem sucedido de sua aplicação.

4.

Sobre o Design como campo de pesquisa

Seu trabalho é um bom exemplo da feição interdisciplinar do Design. Para além do simples rótulo, ele nos revela ao longo do texto, as múltiplas relações de nossa área com outras áreas de conhecimento. Relações de enriquecimento, de ampliação de fronteiras.

Tendo por leme o curso Dodecaédria, autores foram agregando valor ao projeto realizado, pontuando aqui e ali discursos e partidos de Design.

Temos, por exemplo, Chartier, Goulemot e Bakhtin, Jauss, Iser para refletir sobre relações discursivas, produção de sentidos, relações leitor/autor, o texto, o livro enquanto suporte.

Mais a frente, Ramal e Lévy, para tratar dos novos papéis de alunos e professores no mundo dos meios eletrônicos.

Perrenoud, dando sentido a decisões de projeto, à configuração de objetos e ao desenho atividades. Que uso bem orquestrado da proposta de competência.

Autores da área de Educação, para ampliar a discussão entre professores/IES/alunos, em cursos presenciais e não presenciais, visando chegar ao posicionamento do curso Dodecaédria entre os modelos britânico e germânico.

Por fim, a reflexão sobre os agentes de produção do curso Dodecaédria – conteudistas, ilustradores e programadores visuais – além de tutores, tecnólogos e consultores pedagógicos.

Neste ponto, você chega ao ‘Design Didático’. E é sobre ele que passarei a refletir a seguir.

5.

O Design Didático

A palavra Design suporta um sem número de definições e um número maior ainda de usos. Este é um terreno pantanoso e não é minha intenção transitar por ele aqui.

Vou compartilhar, apenas, algumas idéias que estamos desenvolvendo no Laboratório de Pedagogia do Design, a partir dos estudos da sua colega doutoranda Cristina Portugal, que também abordou a questão do Design Didático em sua dissertação de mestrado.

Sempre nos incomodou atrelar o que hoje é conhecido como ‘Design Didático’ ao que realmente fazemos no campo específico do Design.

Como você bem ilustrou em seu texto, com base nas idéias de Campos, ele é um processo de análise de requisitos, planejamento e especificação para a elaboração de cursos a distância. Ou seja, ele inclui o que nós chamamos Design, mas está para além.

Uma forma de resolver este impasse é olhar para o Design que fazemos e procurar o lugar dele em uma esfera mais abrangente e menos especializada.

Foi assim, que chegamos à idéia do ‘Design para Situações de Ensino e Aprendizagem’, que vem a ser, uma área ampla que se preocupa não só com o desenvolvimento de um objeto ou de um sistema de objetos, mas também com o seu entendimento, utilização e eficácia.

O ‘Design para Situações de Ensino e Aprendizagem’ não se afasta do âmbito do projeto em si e está voltado para a configuração de objetos, sistemas e linguagens utilizados em ambientes concretos ou mediados pela tecnologia onde, de alguma forma, pretende-se uma aquisição de conhecimentos.

Esta é, no momento, uma definição ainda provisória, que está a carecer de maiores reflexões. Contudo, muito nos tem agradado ter enxergado esta aplicação do Design na

educação de uma forma mais ampla e abrangente.

Creio ser esta uma contribuição para futuras reflexões que você venha a desenvolver sobre o papel do designer em 'projetos' que partam de problemas de difícil solução, os '*wicked problems*', como definido por Ritter, como você bem abordou no início de seu trabalho.

Este papel é, sem dúvida, complexo, porque interdisciplinar.

Para concluir

Termino, fazendo a você uma única pergunta, deixando-o livre para também comentar, se assim desejar, as observações que fiz.

Que contribuição você considera que sua pesquisa pode trazer para a formação do jovem designer que atuará em um mundo onde o trânsito interdisciplinar é condição básica para a sobrevivência tanto no mundo acadêmico quanto no mercado de trabalho?


Agradeço mais uma vez a você e a Profa. Vera pelo amável convite que me fizeram.

Parabéns.

**ANEXO 3:
ATA DA BANCA**

Destacamos a qualidade do trabalho de Alexandre Farfari, pelo rigor metodológico, pela criatividade das soluções criadas, pelo desempenho na discussão conceitual em uma pesquisa que é reconhecidamente uma contribuição efetiva para as áreas de Design e Ensino. Em virtude dessas qualidades, a Banca recomenda a publicação.

Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 2007.


Maria do Carmo Leal de Oliveira
Dra. Dra. Dra.
Márcia Guedes de Almeida
Liliana Jonckheere Leal